

Numa perspectiva discursiva no nono ano do ensino fundamental

por Solange Maria Pinto Tavares

Resumo

O presente estudo investiga as possibilidades que alunos do nono ano do Ensino Fundamental apresentam para fazer revisões na escrita de seus próprios textos. O nosso interesse por esse objeto, a revisão textual, foi mobilizado pela observação de que algumas pessoas enfrentam grandes dificuldades para elaborar suas idéias, sentimentos e experiências, mesmo depois de ter cursado oito, nove anos de escolaridade. Estas dificuldades, uma vez não superadas, acabam por comprometer de alguma forma o percurso de aprendizagem, além, claro, da participação na vida social. A partir dessa observação, várias questões se levantaram. De que maneira, nós, professores de língua portuguesa, poderíamos colaborar para transformar essa realidade? Será que o modo como a gramática tem sido trabalhada historicamente na escola, privilegiando a nomenclatura e o estudo das formas, contribui para a crescente ampliação das possibilidades de produção textual? Que dificuldades os alunos encontram para aprender a língua portuguesa e se tornarem letrados? Por que historicamente vem se observando tanto fracasso no aprendizado da leitura e da escrita em todos os níveis de ensino? Que atividades podem ser propostas para que os alunos reflitam sobre o conhecimento lingüístico e se apropriem de modos diferentes de enunciar? Afinal, o que se pretende com o ensino da leitura e da escrita? Como tem sido contextualizada a produção de textos na escola? A reflexão aqui desenvolvida apóia-se nos construtos teóricos de Mikhail Bakhtin. Pretende-se com este estudo compreender o sentido que os alunos atribuem à revisão de textos ao terem a oportunidade de refletir sobre eles, visando: (a) identificar os principais aspectos revisados em duas situações de produção diferenciadas, do ponto de vista discursivo, (b) compreender como os alunos vivenciam a tarefa de revisão proposta. Em conclusão o texto evidencia que alunos possuem possibilidades de realizar atividades de revisão em seus textos, embora tenham demonstrado certa dificuldade. Constatou-se ainda, o esforço e o desejo dos alunos em construir, a partir das revisões, um bom texto. Os alunos, de um modo geral, se posicionaram de forma crítica diante da atividade de revisão textual.

Résumé

Présente étude enquête les possibilités que des élèves de neuvième année de Ensino Fundamental présentent pour faire des révisions dans l'écriture de leurs propres textes. Notre intérêt par cet objet, la révision littérale, a été mobilisé par le commentaire dont quelques personnes affrontent à de grandes difficultés pour élaborer leurs idées, sentiments et expériences, même après avoir navigé huit, neuf ans de scolarité. Ces difficultés, une fois non dépassées, finissent de compromettre de quelque forme le parcours d'apprentissage, outre, clair, de la participation dans la vie sociale. À partir de ce commentaire, plusieurs questions se sont soulevées. Comment, nous, enseignants de langue portugaise, pourrions collaborer pour transformer cette réalité? Ce sera que la manière comme la grammaire a été travaillée historiquement dans l'école, en privilégiant la nomenclature et l'étude des formes, il contribue au croissant élargissement des possibilités de production littérale? Quelles difficultés les élèves trouvent pour apprendre langue portugaise et se deviendront des lettrés? Pourquoi historiquement il vient si en observant de telle façon des échecs dans l'apprentissage de la lecture et de l'écriture dans tous les niveaux d'enseignement? Quelles activités peuvent être proposées pour que les élèves reflètent sur la connaissance linguistique et ils s'approprient de manières différentes d'énoncer? Après tout, ce qui se prétend avec l'enseignement de la lecture et de l'écriture? Comme a été contextualizada la production de tex-

tes dans l'école ? La réflexion ici développée se nous soutient construits théoriques de Mikhail Bakhtin. Il se prétend avec cette étude comprendre le sens que les élèves attribuent à la révision de textes avoir l'occasion de réfléchir sur eux, en visant : (a) identifier les principaux aspects révisés dans deux situations de production différenciées, du point de vue discursivo, (b) comprendre comme les élèves vivent intensément la tâche de révision proposée. Dans conclusion le texte prouve que des élèves possèdent des possibilités de réaliser des activités de révision dans leurs textes, bien qu'ils aient démontré à certaine difficulté. Il s'est constaté encore, l'effort et le désir des élèves à construire, à partir des révisions, d'un bon texte. Les élèves, d'une manière générale, se sont placés de forme critique devant l'activité de révision littéraire.

Palavra-chave: Escrita. Revisão textual. Ensino Fundamental.

1. Apresentação

Este texto é parte de uma dissertação de mestrado defendida em 2009, no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, e teve sua origem na observação de que muitas pessoas/alunos enfrentam grandes dificuldades para expressar suas necessidades, idéias, sentimentos e experiências, por escrito, mesmo depois de terem passado oito, nove anos na escola, estudando a língua materna. Estas dificuldades, uma vez não superadas, acabam por comprometer de alguma forma o percurso de aprendizagem, além, claro, da participação na vida social.

O objetivo do estudo é investigar as possibilidades que alunos do nono ano do Ensino Fundamental apresentam para fazer revisões na escrita de seus próprios textos. Pretendeu-se, com este estudo, compreender o sentido que os alunos atribuem à revisão de

textos ao terem a oportunidade de refletir sobre eles, visando: (a) identificar os principais aspectos revisados em três situações de produção diferenciadas, do ponto de vista discursivo, (b) compreender como os alunos vivenciam as tarefas propostas.

O artigo está organizado do seguinte modo: na primeira seção, faço uma pequena apresentação; na segunda seção, mostro os caminhos percorridos e, mais especificamente, o caminho para as produções textuais; na terceira seção, procedo à revisão do texto e análise do material de pesquisa; na quarta seção, finalmente apresento algumas conclusões e implicações pedagógicas.

2. Os caminhos percorridos

Buscando a coerência com o enfoque teórico assumido, apoiei-me na abordagem qualitativa de cunho histórico-cultural que, segundo Anastácio (2006), diferencia-se pelo

olhar e pela atitude do pesquisador, que procura desenvolver compreensões e não explicações sobre o objeto pesquisado.

Frente a essa necessidade de dar os primeiros passos, optei por realizar este estudo no Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Juiz de Fora, uma escola pública, pois tinha sido o local de origem de minhas inquietações e um dos locais onde trabalhei, até maio de 2007, ano de minha entrada no mestrado. Além disso, sabia que, nesta instituição, encontraria apoio da direção pedagógica, que já conhecia a responsabilidade e a seriedade do meu trabalho, e também de professores que não hesitariam em colaborar nesta pesquisa.

A escolha por trabalhar com o nono ano se deu a partir da observação de que algumas pessoas enfrentam grandes dificuldades para elaborar suas idéias, sentimentos e experiências, mesmo depois de ter cursado 8, 9 anos de escolari-

dade. Estas dificuldades, uma vez não superadas, acabam por comprometer de alguma forma o percurso de aprendizagem, além, claro, da participação na vida social.

Fizeram parte deste estudo seis estudantes que, na época da pesquisa, frequentaram uma mesma turma de nono ano do Ensino Fundamental do Colégio Tiradentes (da Polícia Militar), município de Juiz de Fora. Ao selecionar na turma os alunos para a investigação, levamos em consideração aqueles que produziram os três textos solicitados ao longo do período em que realizamos o trabalho de campo. De uma turma de quarenta e um alunos, apenas treze fizeram os três textos.

Analisando o material produzido pelos treze alunos, verificamos a necessidade de restringir ainda mais o número de alunos investigados. Seis alunos foram selecionados, observando-se os critérios a seguir.

Como, em meio aos treze, havia apenas dois meninos, os dois foram selecionados. A seguir, outras quatro meninas chamaram a atenção pelos seus textos. Três delas, por terem feito revisões em todos os textos, foram escolhidas. A quarta menina se destacou por ter feito muitas alterações em seu primeiro texto, no segundo texto ter feito apenas uma alteração e nenhuma no terceiro.

Os textos foram produzidos em contexto escolar, entre

os meses de março e novembro de 2008, como resposta a três diferentes propostas temáticas. A primeira, estabelecida pelo professor responsável pela sala, e as outras duas propostas, solicitadas por mim. Todos os textos passaram por três etapas: a produção escrita, a leitura do próprio texto, a reescrita.

No presente artigo, apenas um texto foi analisado, com intuito de apresentar aspectos significativos da análise realizada.

Entrevistas individuais foram realizadas, entretanto foram pouco consideradas aqui.

2.1. O caminho para as produções textuais

Por solicitação do professor, a primeira produção de texto constituiu-se de reprodução escrita pautada em uma seqüência de atividades, composta pela leitura de textos do livro didático¹, seguida por exercícios² que retomam noções conceituais e por um debate realizado com base na Revista Veja (2004). Após os exercícios, o professor solicitou aos alunos a realização do texto, um editorial³, que deveria estar de acordo com as instruções do livro didático; o texto poderia ser feito em casa e, na semana seguinte, entregue a ele.

As instruções do livro didático não foram lidas em sala de aula e dizem o seguinte:

Escolha com seus colegas de grupo um dos temas sugeridos a seguir ou outro que queiram. Troquem idéias e definam qual será a posição do grupo em relação ao tema. Anotem no caderno os argumentos (a favor ou contra), tomem uma posição e redijam um editorial. Temas sugeridos: Sonho de consumo do jovem brasileiro; O jovem e a violência urbana; Planejando o futuro; O primeiro emprego; Opção de lazer ou falta de opção?; Pichação: vandalismo ou direito de expressão? Para produzir o texto, sigam estas instruções:

- a) Pesquisem na Internet, em jornais e em revistas o assunto Escolhido;
- b) Façam um planejamento do editorial, definindo:
 - . como será a introdução e qual será a idéia principal a ser desenvolvida;
 - . que argumentos serão utilizados para fundamentar a idéia principal (comparações, exemplos, dados estatísticos, etc.);
 - . que tipo de conclusão será apresentado: síntese ou proposta.
- c) pensem nos leitores do texto – colegas da classe e de outras, professores, funcionários, familiares, amigos – e procurem escrever de modo a atrair a atenção deles e levá-los à reflexão crítica sobre o tema.

d) Utilizem uma linguagem que esteja de acordo com a variedade padrão da língua.

e) Quando terminarem a redação do editorial, dêem um título a ele.

f) Façam um rascunho e, antes de passar o texto a limpo, revisem-no, seguindo as orientações do boxe Avalie seu editorial. Se necessário refaçam o texto.

Boxe – Avalie seu editorial – Observe se seu editorial expressa a opinião do grupo a respeito do assunto abordado; se o texto é persuasivo, isto é, se consegue convencer os leitores com bons argumentos; se apresenta uma introdução (com a idéia principal), parágrafos de desenvolvimento e uma conclusão; se a linguagem é impessoal e se está adequada aos leitores e ao gênero textual (William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães, 1998, p.61).

As atividades seguintes tiveram como ponto de partida um vídeo-clipe de nome “Violência nas escolas, Bullying⁴”. O vídeo-clipe, além de trazer o conceito, traz vários depoimentos de pessoas vítimas do Bullying e também de seus familiares, mostrando as graves consequências desse tipo de ação.

Essas propostas, enfim, estruturaram-se a partir de uma sequência de atividades. Inicialmente, deu-se um diál-

ogo, chamando a atenção dos alunos/sujeitos para os vários modos de escrever um texto. A pesquisadora comenta e menciona alguns gêneros, como: propaganda, carta, bilhete, texto jornalístico, informativo, questionando se essas não seriam formas diferentes de escrever. Se poderiam, ou não, considerar esses outros tipos de escrita como textos? Finalmente, nessa sequência, passa-se o vídeo. Antes, porém, foram estabelecidos os objetivos: após o vídeo seria pedido que eles relatassem algo similar que tivesse acontecido com eles e, num segundo momento, que expusessem suas idéias sobre o que haviam acabado de assistir.

Em seguida, a pesquisadora estabelece a interação propondo um debate com a pergunta: O que mais chamou a atenção de vocês nesse vídeo? Aos poucos eles vão se soltando, e muitos até se identificando com o problema. Outras questões são lançadas: conhecem alguma situação parecida? Já presenciaram algo assim? Muitas histórias vão surgindo, relatos de situações vividas por eles mesmos ou vividas por alguém conhecido. Encerrados os relatos e depoimentos, a pesquisadora lhes pede a escrita dos textos, primeiro a narração de algo semelhante e, num segundo momento, a exposição de suas idéias. Essas propostas de produção de textos seguiram um procedimento bastante

semelhante ao utilizado por Tolchinsky (2007).

A análise realizada no material foi orientada pelas revisões feitas pelos alunos. Para observar as alterações realizadas em cada etapa, utilizou-se o seguinte procedimento: referindo-se ao primeiro texto, após o planejamento do professor, inicia-se a produção do texto com caneta azul. Depois de escritos, os textos foram recolhidos, copiados para a análise e devolvidos aos alunos. A partir desse momento, a pesquisadora assume os trabalhos e solicita aos adolescentes primeiro a leitura e depois a reescrita do próprio texto. Nessa segunda etapa, os sujeitos da pesquisa trocam de caneta, passam a escrever de caneta verde e podem modificar o que julgarem necessário para torná-los mais claros e melhores. Mais uma vez, os textos são recolhidos e fotocopiados. Dessa vez, os originais ficam com a pesquisadora e as cópias são devolvidas para os alunos. Todas estas etapas foram feitas sem a intervenção do professor-regente e os procedimentos foram anteriormente combinados e discutidos com o mesmo.

As outras duas propostas sugeridas pela pesquisadora seguiram o mesmo procedimento.

3 - A revisão dos textos-análise do material de pesquisa

Os seguintes aspectos

orientaram a análise realizada no material: a) informações gerais colhidas nas entrevistas com os alunos; b) a relação do aluno com a escrita; c) as considerações do aluno sobre a atividade de revisão textual; d) os temas abordados nos diferentes textos e as revisões efetivadas em cada texto.

As categorias definidas para a análise das revisões foram: a) reformulação sintático-semântica (substituições voltadas para o controle do sentido do texto; expansão (quando há acréscimo de conteúdo); revisão ortográfica (voltada para convenções da escrita); revisão da pontuação. A seguir, a produção de um aluno selecionado é analisada, de modo contextualizado, com privilégio para a dimensão discursiva, destacando-se o foco e o valor das revisões.

Texto 1 – aluna L – Proposta:

A aluna L tem 17 anos. Relata que vem de uma família em que todos têm uma boa relação com a escrita, principalmente a irmã que cursa a faculdade de Letras. Segundo a aluna, essa irmã tem vocação para a escrita. Sobre as histórias que a irmã escreve, L diz dar opinião sobre as personagens. Disse, inclusive, que se identifica muito com uma delas, mas não sabe se serviu de fonte inspiradora para a irmã. Já L tem o hábito de escrever todo dia, e, embora esta escrita se refira a fatos do seu cotidiano, não gosta de chamar essa

prática de “diário”, pois julga o gênero infantil.

É uma anotação que eu faço do meu dia a dia. É como eu estou me sentindo naquele dia, o que eu penso sobre aquilo, sabe... O que acontece comigo. Sobre minhas decepções, sobre meus momentos feridos. Eu gosto de escrever mesmo para ficar guardado, sabe... Um dia... por exemplo, na semana passada, eu peguei meu caderninho para ler e vi, nossa! Como mudou! Como eu pude fazer isto? Eu gostava, sabe...

Além dessa escrita diária, L demonstra também ter muito gosto em escrever cartas para as amigas. Cartas que são bem aceitas e elogiadas. Por causa disso, L considera sua escrita mais madura em relação à escrita das colegas. Segundo L, esse hábito foi adquirido através de leituras de livros e das escritas de sua irmã.

L, ao se pronunciar sobre as revisões, afirmou que, em um primeiro momento, teve a impressão de que o objetivo fosse corrigir os textos, acrescentar algo. Mas essa não foi a primeira vez em que fez uma revisão, pois já tinha o hábito de reler tudo o que escreve para o professor. Mesmo em provas, ela diz lê-las três vezes, antes de entregar. Isso, porque escreve sempre muito rápido e tem consciência de que, às vezes, esquece de escrever palavras, vírgulas. Com a leitura, aproveita para aper-

feiçoar sua escrita.

Segundo L, o que a leva a fazer as revisões é a tentativa de melhorar seus textos, “eu queria melhorar ele mais e mais”. Quanto a fazer a revisão nos três textos envolvidos na presente pesquisa, L revela não ter achado cansativo, pois o fez procurando dar o melhor de si: “Eu achei que não estava legal, então eu quis fazer de novo, de novo. (...) Eu queria melhorar, mas eu não consegui, sabe... eu queria fazer melhor”.

L ainda revela que gosta de fazer tudo bem feito e tentou, através das revisões, passar essa preocupação para quem fosse ler. Esperava que seu texto sobressaísse, que fosse considerado um texto de adulto, para mostrar que uma menina de nono ano tem potencial para a escrita, segundo suas palavras.

L ainda ressaltou que todos os professores deveriam dar a oportunidade de revisão aos alunos. Se o tema for bom, não se torna cansativo, escrever e reescrever. No final, ela diz ter ficado muito feliz com o fato de ter sido chamada para a entrevista. Segundo ela, este foi sempre um sonho seu: um dia ter um texto que alguém considerasse incrível.

No texto em questão, L aborda o tema violência na escola, relatando um caso de discriminação ocorrido em sala de aula. Segundo L, os colegas implicavam com a aparência de um garoto, além de zombar e dar-lhe apelidos.

O menino não reagia, porque era pequeno e magro. L, hoje, mostra-se arrependida em não ter ajudado o menino. Segundo a aluna, não há graça em zombar, discriminar uma pessoa.

[...] Por isso os “meninos” judiava bastante dele. Apagava o quadro com ele, colocava apelidos, zombavam ele e a mãe dele, catava as coisas dele etc...

Ele não fazia nada, até porque ele era pequeno e magro. Hoje me sinto culpada, podia ter feito algo para ajudá-lo, hoje percebo que não tem graça zombar, discriminar uma pessoa. Somos todos iguais! Independente da sua aparência.

L faz revisões voltadas para o controle do sentido do texto, ao mudar o para a na palavra culpado e ao acrescentar no final do parágrafo “independente de sua aparência” e a restrição do sentido do termo “iguais”, em “Somos todos iguais.” Tais mudanças afetam o sentido do texto como um todo. L procura orientar a interpretação do leitor. As ocorrências evidenciam uma escrita na direção ao outro do discurso, delimitando também determinadas partes que ganham em expressividade.

4 – Conclusões e implicações pedagógicas

Analisando as respostas apresentadas pelos alunos,

durante as entrevistas e comparando-as com as revisões efetuadas, percebe-se que o gosto por produzir textos está relacionado à liberdade de expressão. Os alunos não se sentem motivados a escrever quando o assunto não é interessante. Enquanto não houver um objetivo concreto, mais contextualizado, para a elaboração de textos, essa atividade se realizará de forma a atender uma preocupação com obrigações como notas e regras gramaticais, somente.

Nesse sentido, as práticas de leitura e escrita desenvolvidas pelos alunos fora do ambiente escolar aproximam-se mais de suas realidades, estabelecendo a verdadeira ligação que existe entre a linguagem e o mundo. A vida deve ser levada para dentro da escola para que as produções de texto tenham sentido.

Outro dado que chama a atenção é o esforço, revelado pelos alunos durante a entrevista, em construir um bom texto a partir das revisões. Esse entendimento dos alunos destoa de abordagens realizadas na revisão. Eles revelam saber que escrevem “errado”, que conseguem identificar os erros, mas que nem sempre conseguem corrigi-los. Essas revelações mostram, então, que os alunos conseguiram se posicionar de forma crítica diante da atividade de revisão textual.

Esse estudo pretendeu evidenciar um modo de olhar

que permita enxergar as possibilidades que os alunos têm, ao fazerem suas revisões. Pode-se dizer, como conclusão, que os dados indicam que os sujeitos possuem a capacidade de revisão, embora demonstrem certa dificuldade na atividade. Ainda assim, é preciso que essas possibilidades sejam exercitadas continuamente na escola.

A partir das dificuldades apresentadas pelos alunos na revisão, o professor poderá determinar a zona de intervenção na qual deve atuar para facilitar o progresso do aluno naquela direção. Dessa forma, o professor poderá garantir a produção de processos capazes de levar à constituição do conhecimento, uma escrita mais valorizada socialmente, já que escrever é fator relevante à formação de cidadãos ativos na sociedade.

Diante dessas considerações, a escola deve proporcionar oportunidades de interação com o outro, numa prática dialógica que permita a construção do sujeito-autor, promovida por uma pedagogia libertadora e aberta a novos desafios ■

NOTAS:

1 O livro didático adotado pelo Colégio era “Português e Linguagens”, de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães, oitava série.

2 Páginas 57-58.

3 Segundo o livro didático utilizado em aula: O Editorial – os bons jornais e revistas do país, quando noticiam os fatos, evitam misturar notícia com opinião. Assim, procuram veicular a notícia com certa neutralidade e, quando querem opinar sobre um fato relevante, expressam seu ponto de vista numa seção criada especificamente para esse fim: o editorial. Da mesma família de outros gêneros argumentativos, o editorial faz a defesa de um ponto de vista. Por isso tem finalidade persuasiva, isto é, procura convencer o leitor a partir de argumentos.

4 Extraído do YouTube – site eletrônico que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital . O vídeo – clipe tem duração de quatro minutos e cinquenta e cinco segundos.

REFERÊNCIAS:

ANASTÁCIO, Maria Queiroga A. Pesquisa qualitativa: concepções e perspectivas, Educação em Foco, Juiz de Fora: EDUFJF, v. 11, n.1, p.189-198, mar/ago 2006.

JOVENS. Revista Veja, São Paulo, n. 1859, 2004. Edição Especial.

TOLCHINSKY, L. Escritura y conocimiento lingüístico. Disponível em: <www.ub.es/recerca/grerli/publicacions/Ponencia México. pdf>. Acesso em: 02. Maio 2007.